

Autora: Letícia de Oliveira

“Revolução Facebook”: em que medida as redes sociais na internet interferiram na deflagração da chamada Primavera Árabe?

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Relações Internacionais pela Universidade de Brasília

Universidade de Brasília

Orientadora: Cristina Y. A. Inoue

Brasília, 2012.

Resumo

Este artigo busca avaliar qual a contribuição das mídias sociais na internet na deflagração dos protestos realizados a partir de dezembro de 2010 no Mundo Árabe. Sabe-se que redes virtuais de relacionamento como o Facebook e o microblog Twitter (além de canais de vídeo como o You Tube e a galeria de imagens Flickr) permitiram que pessoas comuns pudessem divulgar com rapidez extraordinária as próprias manifestações, suas causas, seus objetivos e também a forma como estes movimentos eram reprimidos pelas forças de segurança dos regimes autoritários, permitindo que usuários interconectados pudessem multiplicar estas informações de forma praticamente ilimitada, chegando a pessoas de todas as regiões do mundo. Com a queda de dois ditadores, em menos de um mês de protestos, torna-se necessário analisar em que medida tais ferramentas contribuíram para o sucesso do levante em pelo menos dois países da região: a Tunísia e o Egito.

Abstract

This article's objective is to evaluate what contribution internet social medias have on the triggering of the protests started in december of 2010 in the Arab World. It is well known that social networking services like Facebook or the micro-blogging tool Twitter (besides You Tube video channels and the image hosting service, Flickr) allow the regular citizen to spread with extraordinary ease and speed their own manifestations, causes, objectives and also the way these movements were being repressed by the security forces of authority regimes, enabling interconnected users to multiply their information in an unlimited way, possibiliting the news to reach different people all over the globe. The fall of two dictators, in less than a year of protests, make a clear statement on the importance of analyzing what is the contribution these social media tools had on the success of the protesting in at least two countries in that region: Tunisia and Egypt.

Sumário

Introdução	4
A Primavera Árabe – um primeiro olhar	6
O uso das ferramentas tecnológicas durante os protestos	8
Em que medida as novas ferramentas contribuíram para êxito das manifestações	11
Conclusão	26

Introdução

Em março de 2011, a população da Síria aderiu à onda de protestos que, desde dezembro do ano anterior, se espalhava pelo Oriente Médio. Era o sétimo país (De Gracia, 2011) a enfrentar a revolta de uma população cansada de regimes autoritários e que, então, saía às ruas para clamar por mudanças.

Um ano e mais de oito mil mortes depois (United Nations, 2011), o presidente Bashar Al-Assad segue usando de forte violência contra seus opositores. Até mesmo correspondentes internacionais tornaram-se alvo de ataques.

Em fevereiro, um mês antes do aniversário de um ano dos protestos, a jornalista americana Marie Colvin e o fotógrafo francês Rémi Ochlik foram mortos durante um ataque ao centro de mídia improvisado por repórteres, fotógrafos e cinegrafistas em uma casa no subúrbio de Homs, um dos locais onde se concentram os ataques. Antes deles, outros quatro profissionais morreram ao tentar transmitir para o mundo o que acontecia no território dominado por Al-Assad (Beaumont, 2012).

Antenas para a transmissão de imagens ao vivo alvejadas por franco-atiradores; linhas telefônicas, sinal internet e energia elétrica, cortados. Antes de Al-Assad, governantes de outros países adotaram estratégias semelhantes. Na Tunísia, onde tudo começou, a maioria dos conteúdos online foi bloqueada. O Facebook foi o único site de relacionamento na internet não censurado no início dos protestos. E o que era apenas uma ferramenta voltada para o entretenimento e o consumo, passou a ser o canal de difusão das manifestações (López & García, 2012:8/19).

Não tardou para que surgissem análises entusiasmadas sobre o papel das novas ferramentas de comunicação e das redes sociais na internet para o incentivo à democracia em regiões dominadas por regimes autoritários, em especial, no Oriente Médio. Porém, há os que questionam se foram estas as verdadeiras razões para o início do que veio a ser chamado de “Primavera Árabe”.

Em que medida as redes sociais na internet interferiram na deflagração das revoltas no Mundo Árabe? É este o questionamento que vai guiar a discussão a

seguir. Para buscar respondê-lo, faremos uma revisão não abrangente de alguns dos trabalhos que se multiplicaram, recentemente, em publicações especializadas nas áreas de Relações Internacionais, Ciências Sociais e Comunicação. Trata-se de um esforço para congregar a área de formação de origem da autora, o Jornalismo, aos estudos de Relações Internacionais.

A análise será concentrada nos casos da Tunísia e do Egito, onde, em poucos dias, as populações conseguiram êxito através da renúncia de seus ditadores.

A Primavera Árabe – um primeiro olhar

Em janeiro de 2011, o mundo voltou os olhos para o Oriente Médio. Populações sufocadas por décadas de opressão passaram a tomar as ruas de seus países em protesto. Primeiro, na Tunísia, onde um jovem vendedor de hortaliças, Mohamed Buazizi, 26 anos, ateou fogo ao próprio corpo em protesto contra o abuso de poder da polícia local. Ao negar pagamento de propina para que pudesse comercializar sua mercadoria na cidade de Sidi Bouzid, Buazizi foi covardemente agredido pelos policiais. Injustiçado, decidiu-se pela autoimolação. Como escreveu Álex Rodríguez, diretor-adjunto da revista espanhola *Vanguardia Dossier* – especializada em temas internacionais –, o jovem vendedor de verduras "*prendió la llama que acabó con su vida, pero también la que ha encendido la revuelta árabe de 2011*" (2011:3).

Augustín De Gracia, chefe do escritório da Agência Efe para o Oriente Médio, com sede em Cairo, conta que o mundo tomou conhecimento do fato depois que as imagens do protesto que amigos de Buazizi fizeram em frente à prefeitura da cidade no dia seguinte à imolação foram divulgadas por um blogueiro no site de relacionamento Facebook. "*Dos días después de que fueran difundidas las imágenes en Facebook, Túnez fue testigo de protestas políticas en todo el país, pero con otras banderas: la corrupción, el desempleo y la injusticia*" (2011:170).

Mohamed Buazizi morreu no dia 4 de janeiro. Para evitar novos protestos, o então presidente, Zine al Abidine Ben Ali, decidiu bloquear sites na internet. Mesmo assim, dez dias depois e sob uma onda de manifestações generalizadas, Ben Ali – que estava há mais de 20 anos no poder –, foi obrigado a renunciar.

A história do jovem vendedor de hortaliças e a vitória da população tunisiana motivaram manifestações em série também no Egito. Meses antes, em junho de 2010, um fato semelhante havia chocado a juventude egípcia. Jalid Said, 28 anos, foi espancado até a morte depois de documentar ações de policiais corruptos. Said virou herói. Pelas redes sociais, a população egípcia foi convocada a protestar. Um dos grupos que ajudaram a detonar a “revolução” se autointitulava “Todos

Somos Jalid Said” numa página do Facebook (Khalidi, 2011:19; López & García, 2012:9/19).

No dia 25 de janeiro, a exemplo do que ocorria na Tunísia, os egípcios tomaram as ruas do Cairo. Protestavam contra a opressão, a corrupção, a prepotência da polícia, a pobreza, os altos níveis de desemprego e contra os planos do ditador Hosni Mubarak de passar o poder – em suas mãos havia aproximadamente 30 anos – para seu filho (De Gracia, 2011:168).

Três dias depois, os principais provedores de internet e, mais tarde, as linhas de telefone celular foram bloqueados no país. Ainda assim, no dia 11 de fevereiro, Mubarak – da mesma forma que Ben Ali – foi obrigado a renunciar. E a derrota do ditador acabou virando motivo de piada.

En Egipto se ha hecho muy popular el chiste de que, si al presidente egipcio Gamal al Naser hay sospechas de que lo mató una dosis de veneno y a su sucesor, Anwar el Sadat, una ráfaga de disparos, a Hosni Mubarak lo mató (políticamente) Facebook (De Gracia, 2011:167; também mencionado por López & García, 2012:9-10/19).

Teria a brincadeira um fundo de verdade?

O uso das ferramentas tecnológicas durante os protestos

O diretor do Centro de Oriente Médio da *London School of Economics*, Fawaz A. Gerges, diz que os novos meios de comunicação e ferramentas como Facebook, Twitter e You Tube se transformaram em armas contra governantes tiranos (2011:8). Gerges afirma que a queda de Mubarak proporcionou uma sensação de poder nunca antes experimentada pela população, já que Mubarak – que mantinha um exército com 1,5 milhão de homens – era o símbolo do autoritarismo na região (2011:12).

Los arabes corrientes se sienten dotados de poder, al filo de un nuevo amanecer democrático. Se han sacudido la apatia política y se han adentrado en un efervescente espacio político. [...] Hay un nuevo lenguaje de la política, una sensación de renacer y un intenso activismo de masas en el espacio social y político, y se trata de una revolución que constituye un buen augurio para la sociedad civil (Gerges, 2011:9).

Rashid Khalidi, pesquisador da Cátedra Edward Said de Estudos Árabes da Universidade de Columbia em Nova York e diretor do *Journal of Palestine Studies*, parece compartilhar dessa visão.

[...]el hecho de alzarse contra quienes les negaban la dignidad y los derechos dio a los ocupantes de las calles de Túnez, El Cairo y decenas de otras ciudades la sensación de que dirigir su destino, poseer dignidad y no ser los abyectos y miserables semiesclavos de unos altivos señores que los gobernaban desde palacios y residências (2011:20).

Nesse sentido, parece ser possível traçar um paralelo com a chamada revolução das habilidades individuais definida por James Rosenau. Na visão deste teórico, cada vez mais os indivíduos são capazes de perceber as relações de poder e de autoridade às quais estão submetidos, e de buscar o atendimento de suas demandas de forma mais consciente e consequente. Como explica o professor do Instituto de Relações Internacionais da Universidade de Brasília, Antonio Jorge Ramalho da Rocha, “[...] essa abordagem coloca o indivíduo no centro das relações internacionais contemporâneas, reconhecendo-lhe um poder significativo para participar do estabelecimento das regras do jogo político doméstico e internacional” (Rocha, 2002:295-296).

Rocha esclarece, ainda, que a centralidade do indivíduo nas relações internacionais proposta por Rosenau se deve, principalmente, pela profunda transformação, ainda em curso, nas tecnologias da informação. E, segundo Augustín De Gracia, nas recentes revoltas árabes, uma inter-relação intensa entre as redes sociais na internet, as grandes redes de televisão e as manifestações populares pôde ser verificada:

Las manifestaciones se convocaban por Facebook, se seguían por Twitter, se reproducían por cadenas como Al Yazira, las imágenes de televisión volvían a Facebook o se daban a conocer por Twitter y, finalmente, rebotaban en la calle con mayores bríos para los manifestantes y haciéndoles perder el miedo porque, con el eco, sabían que eran muchos (De Gracia, 2011:171).

Na Tunísia, assim que percebeu essa inter-relação, o regime de Ben Ali decidiu bloquear o acesso às páginas do portal de vídeos You Tube, do microblog Twitter, do portal de fotos Flickr e outros sites da internet. Segundo os pesquisadores da Universidade de Santiago de Compostela Miguel Túñez López e José Sixto García, a única rede social que não sofreu censura naqueles primeiros dias de protestos foi o Facebook.

Esto provocó que una red social enfocada al ocio y las relaciones sociales se convirtiera en una red subversiva y de protesta, lo que avivó aún más los contenidos, al introducir a los activistas sociales en espacios de comunicación habitados por segmentos poblacionales alejados de la lucha política (López & García, 2012:8/19).

López e García (2012) ressaltam como uma vantagem a forma ágil e simples como a informação – seja ela formal ou informal – circula através dos usuários das redes sociais, ao contrário da rigidez e hierarquia impostas pelo sistema de comunicação das mídias tradicionais. Essa vantagem possibilitaria que as minorias e movimentos alternativos tivessem maior facilidade na difusão de suas demandas – difusão esta, em tese, ilimitada, já que estes estão interconectados com milhares de usuários. Além disso, a participação dos usuários estaria se tornando cada vez mais permanente, devido à evolução dos telefones celulares, que permitem acesso à internet e, conseqüentemente, às redes sociais virtuais, onde quer que o usuário se encontre – o que resultaria no surgimento de um novo espaço público, virtual:

Esta convergencia se prolonga a través de la portabilidad casi ilimitada que se traslada a las esferas personales debido a la consolidación de las redes sociales

virtuales como nuevo escenario de interacción social en lo que ya podría considerarse como la creación de un nuevo (ciber) espacio público (López & García, 2012:2/19).

Yves Gonzalez-Quijano, pesquisador do *Institut Français du Proche-Orient*, em Damasco, parece concordar com essa visão, destacando a popularização destas novas tecnologias e desta nova forma de relacionamento entre a juventude dos países árabes.

Habituada a las técnicas digitales, esta [la juventud árabe] se ha acostumbrado a navegar en las redes, buscar allí respuestas a sus preguntas y establecer intercambios con otros internautas para encontrar una solución a sus problemas. En cierta forma, internet, a través de sus múltiples aplicaciones, ya no es solo un «lugar» donde esta juventud puede encontrar información, eventualmente política; es en realidad mucho más que eso, es de hecho el lugar de la política, aquel donde a menudo, a falta de alternativa, de posibilidades más materiales de intercambio, se construye a pesar de todo un espacio público alternativo (Gonzalez-Quijano, 2011:118).

Ainda assim, seria possível afirmar que estas ferramentas foram responsáveis pelos movimentos registrados desde o último ano nos países árabes?

Em que medida as novas ferramentas contribuíram para êxito das manifestações

No artigo *Democracy in Cyberspace: What Information Technology Can and Cannot Do*, publicado pela revista *Foreign Affairs*, Ian Bremmer lembra que os ex-presidentes norte-americanos Ronald Reagan, Bill Clinton, e George W. Bush argumentavam que a sobrevivência de Estados autoritários dependeria da habilidade de seus governantes em controlar o fluxo de informação dentro e através de suas fronteiras. Bremmer recorda, ainda, o argumento de que os avanços da tecnologia – com os telefones celulares, mensagens de texto, a internet, as redes sociais – iriam derrubar as barreiras entre pessoas e nações.

In this view, the spread of the “freedom virus” makes it harder and costlier for autocrats to isolate their people from the rest of the world and gives ordinary citizens tools to build alternative sources of power. The democratization of communications, the theory goes, will bring about the democratization of the world (Bremmer, 2010:86).

No Oriente Médio, os governos autoritários tentaram levar a receita à risca. Na Tunísia, como já mencionado, o acesso à internet foi interrompido logo nos primeiros dias de protesto – uma tentativa do governo de Ben Ali de evitar novas manifestações. No Egito, não só a internet, mas também as linhas de telefone celular foram desligadas. Neste segundo caso, o histórico de repressão é anterior ao início do levante. Autores de blogs como Abdel Kareem Nabil Soliman foram presos anos antes, acusados de insultar o Islã e de difamar o presidente Hosni Mubarak – uma evidência de que as autoridades já consideravam perigosas estas ferramentas de mobilização (López & García, 2012:10/19).

Na Síria, onde os protestos continuam sob a repressão brutal das forças de segurança ligadas a Bashar Al-Assad, a tentativa de impedir a divulgação dos protestos é ainda mais violenta. Uma semana antes do ataque que resultou na morte de uma jornalista americana e de um fotógrafo francês, em fevereiro deste ano, parte do prédio que funcionava como centro de mídia para a imprensa estrangeira já havia sido destruída, quando uma equipe da emissora CNN teve suas antenas para transmissão de imagens ao vivo derrubadas por franco-atiradores (Beaumont, 2012).

Indeed, the best practical reason to think that social media can help bring political change is that both dissidents and governments think they can. All over the world, activists believe in the utility of these tools and take steps to use them accordingly. And the governments they contend with think social media tools are powerful, too, and are willing to harass, arrest, exile, or kill users in response (Shirky, 2011:7-8/9).

Como afirmou o autor de *The Political Power of Social Media: Technology, the Public Sphere, and Political Change* – artigo publicado recentemente pela revista *Foreign Affairs* –, Clay Shirky, em todo o mundo, ativistas têm usado ferramentas como as mídias sociais em busca de mudanças. Os jovens árabes não foram os pioneiros.

Este papel coube ao Movimento Zapatista, no México, considerado, já na década de 90, o primeiro movimento de guerrilha informacional, por sua estratégia de comunicação (Castells, 2001:103). Formado por índios e camponeses e apoiado por intelectuais, o grupo lutava pelo direito à terra e pela garantia da atividade rural, principal fonte de renda das famílias que viviam na floresta de Lacandon, na fronteira com a Guatemala. Depois de vinte anos instabilidade e de seguidas expulsões dos locais onde viviam e plantavam, três mil manifestantes armados assumiram o controle das principais cidades próximas da floresta, na tentativa de serem ouvidos e respeitados pelo governo. A ação se deu no dia 1º de janeiro de 1994, quando entrou em vigor o Acordo Norte-Americano de Livre Comércio (Nafta), compromisso que, no México, resultou na derrubada das barreiras de importação de milho e das medidas protecionistas aos preços do café – decisão que afetaria diretamente as já prejudicadas comunidades indígena e camponesa, já que a produção de milho e café era uma das bases da economia local. Combinada à ocupação – combatida pelo Exército Mexicano –, o grupo se valeu da distribuição massificada de e-mails para divulgar os motivos e objetivos do protesto. Doze dias depois, pressionado pela opinião pública – não só do país, mas também internacional –, o então presidente Carlos Salinas de Gortari, anunciou um cessar-fogo unilateral e nomeou um representante para negociar com os manifestantes.

“A utilização amplamente difundida da Internet permitiu aos zapatistas disseminarem informações e sua causa a todo o mundo de forma praticamente instantânea, e estabelecerem uma rede de grupos de apoio que ajudaram a criar um movimento internacional de opinião pública que praticamente impossibilitou o governo mexicano de fazer uso da repressão em larga escala” (Castells, 2001:105).

Outro exemplo do uso das novas ferramentas de comunicação para promover mudanças políticas, anterior à Primavera Árabe, se deu nas Filipinas, em janeiro de 2001, quando o então presidente Joseph Estrada enfrentava um processo de impeachment. Durante o julgamento, no Congresso Nacional, parlamentares favoráveis ao presidente votaram de forma a desconsiderar evidências fundamentais contra Estrada. Em menos de duas horas, milhares de filipinos, indignados com a possibilidade de um presidente corrupto escapar da cassação, tomaram uma das principais avenidas da capital, Manila. Mensagens de texto repassadas entre telefones celulares ajudaram a convocar o protesto. As mensagens diziam “Go 2 EDSA [Epifanio de los Santos Avenue]. Wear blk” (Shirky, 2011:1/9). A multidão foi crescendo e, três dias depois, Estrada estava fora do poder. Foi a primeira vez que uma mídia social ajudou a derrubar um presidente, segundo Clay Shirky:

The public's ability to coordinate such a massive and rapid response -- close to seven million text messages were sent that week -- so alarmed the country's legislators that they reversed course and allowed the evidence to be presented. Estrada's fate was sealed; by January 20, he was gone. The event marked the first time that social media had helped force out a national leader. Estrada himself blamed "the text-messaging generation" for his downfall. (Shirky, 2011:1/9)

Bremmer (2010) recorda, ainda, de outros casos de mobilização pelo uso de telefones celulares e de redes sociais na internet. Em 2004, nas eleições presidenciais na Ucrânia, as mensagens de texto também foram utilizadas para organizar a chamada Revolução Laranja. Apoiadores do candidato da oposição, Viktor Yushchenko, foram às ruas reclamar do resultado da votação, considerada fraudulenta e repleta de irregularidades. Os protestos resultaram na convocação de um segundo turno, de onde Yushchenko saiu vencedor. No Líbano, ativistas convocados por e-mail e também pelas mensagens de texto via telefone celular foram às ruas exigir a retirada das tropas sírias que há quase 30 anos ocupavam o país. Bremmer lembra que, um mês depois, a Síria foi obrigada a atender à reivindicação por conta das pressões internacionais. No Irã, em 2009, a população também recorreu a ferramentas tecnológicas para contestar o resultado das eleições presidenciais, que deram vitória a Mahmoud Armadinejad. Os manifestantes reclamavam de fraudes, com votos ao candidato opositor, Mir Hossein Mousavi, desconsiderados. O Movimento Verde, como ficou conhecido, terminou, porém, com uma forte repressão aos manifestantes (Shirky, 2011:2/9).

Nos países árabes, o pensamento de que as redes sociais na internet tiveram papel fundamental na realização dos protestos ganhou força após os governos da Tunísia e do Egito cortarem o acesso da população à internet. Na Tunísia, inclusive, muito antes que Ben Ali pudesse imaginar a deflagração de um levante, o uso do Facebook era até mesmo incentivado pelo governo, uma tentativa de distrair a população, afastando-a do debate político:

En este último país [Túnez] en particular, las autoridades, preocupadas por excluir de la red todo esbozo de debate político, favorecieron su difusión antes de darse cuenta, demasiado tarde ya para prohibirlo, de que podía ser también un potente instrumento de socialización política... Sería un error considerable reducir el dominio de las redes sociales a lo que imaginó Mark Zuckerberg (Gonzalez-Quijano, 2011:114).

Em entrevista para a revista Ciência e Cultura, da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, o sociólogo Sergio Amadeu, professor da Universidade Federal do ABC (UFABC), lembrou que o Twitter teve um papel importante quando as autoridades egípcias decidiram cortar o acesso à rede.

Quando a maioria dos provedores de acesso à internet foi desconectada no Egito, o Twitter divulgou um número de telefone em que as pessoas poderiam gravar depoimentos que eram remetidos para a rede social e poderiam ser ouvidos pelos seguidores do @speak2tweet” (Evangelista, 2011:19).

Desta forma, grupos antes marginalizados ganharam voz e até mesmo países do Ocidente viram-se obrigados a reavaliar sua postura diante da repressão dispensada pelo Egito aos manifestantes.

La repercusión de los acontecimientos crece y los ciudadanos se convierten también en productores de información y noticias. Los nuevos espacios sociales 2.0 ayudan a facilitar la difusión de información y al mismo tiempo ayudan a los activistas a estimular la conciencia social (López & García, 2012:16-17/19).

No entanto, para uma análise mais adequada da relação do poder das mídias sociais em promover a democratização, seria prudente avaliar as reais dimensões do alcance de tais ferramentas, que, supostamente, despertam o temor de governantes autoritários no Oriente Médio.

Uma pesquisa divulgada em 2011 pelo *Center for International Media Assistance*, vinculado ao *The National Endowment for Democracy*, com sede em Washington, apontou que as redes sociais superaram os meios tradicionais de informação nos países árabes. Sozinho, o Facebook teria mais de 17 milhões de

usuários, número superior aos 14 milhões de jornais vendidos na região. No caso do Egito, revela o estudo, 50% da população buscam se informar pela internet, parcela superior aos 34% que consomem a informação exclusivamente dos jornais. Ainda segundo a pesquisa, o número de usuários da internet nos países árabes deve chegar a 100 milhões até 2015 (López & García, 2012:10/19).

A penetração da telefonia móvel nos países árabes também pode ser um indicador para ajudar a dimensionar a participação deste tipo de ferramenta na organização e convocação dos protestos que resultaram na queda de regimes autoritários. No Egito o alcance dos telefones celulares, com serviço de rede 3G e acessibilidade a serviços como a navegação na internet chega a 68% da população. Na Tunísia, o percentual de alcance da rede móvel é de 63% (López & García, 2012:11/19). *“Si el ordenador se lleva en el bolsillo, con él van también todos sitios web, incluidos aquellos que permiten la participación de los usuarios y el debate en red”*, destacam os pesquisadores da Universidade de Santiago de Compostela.

País	Penetración de telefonía móvil
Arabia Saudita	76%
Jordania	75%
Palestina y Omán	70%
Egipto	68%
Marruecos	65%
Irak	64%
Túnez y Bahreín	63%
Argelia y Yemen	61%
Mauritania	59%
Sudán	57%
Kuwait	56%
Qatar	55%
Emiratos Árabes Unidos	48%
Siria	47%
Libia	42%
Líbano	34%

Fonte: Grupo de Asesores árabe, disponible en Jibtel.com (López & García, 2012:11/19).

Porém, a atual realidade evidencia que o acesso da população árabe à internet ainda é desigual. Na Tunísia, o primeiro país a conseguir êxito na derrubada do regime autoritário – a queda de Ben Ali levou menos de um mês para ocorrer – apenas 27% da população têm acesso à rede. No Egito, onde a renúncia de Hosni Mubarak se deu, também, em tempo recorde, a proporção é ainda mais reduzida: só 16% são usuários da internet. Os dados foram divulgados pela revista *Vanguardia Dossier*, com base no levantamento de 2008 do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD).

PAÍS	POPULAÇÃO	INTERNET	ANALFABETOS
Bahrein	1,170 mi	51,9%	9,2%
Arábia Saudita	25,316 mi	31,5%	14,5%
Tunísia	10,270 mi	27,1%	22%
Síria	21,765 mi	17,3%	16,4%
Egito	84,875 mi	16,6%	33,5%
Yemen	22,860 mi	1,6%	39,1%
Líbia	6,420 mi	5,1%	11,6%

Não obstante a penetração desigual da internet nas comunidades afetadas pela onda de manifestações, a proporção de usuários do Facebook nestes países é ainda menor. Se, na Tunísia, 20,8% da população mantém um perfil neste site de relacionamento, no Egito, os usuários do Facebook correspondem a apenas 7% da população (Rivera, 2011:120).

Apesar de os números não favorecerem, à primeira vista, a tese de que as redes sociais teriam contribuído para os protestos e a consequente queda de ditadores

que há décadas ocupavam o poder, tais dados evidenciam uma censura ferrenha, iniciada muito antes do início destes últimos levantes.

Yves Gonzalez-Quijano ressalta que, ao longo dos últimos 10 anos, a repressão policial tem ampliado sua área de atuação no mundo árabe. A primeira estratégia, nos anos iniciais, foi dificultar ao máximo o acesso a vários sites da internet. Depois, a ação foi contra os blogs e seus autores. E, mais recentemente, se concentrou também sobre as redes sociais – ora proibindo o acesso, ora recorrendo a estas mesmas ferramentas como forma de monitorar as atividades dos militantes das revoltas. O autor do artigo *Las revueltas árabes en tiempos de transición digital: Mitos y realidades* chama a atenção para o fato de que, embora as técnicas de rastreamento de informações e repressão evoluam rapidamente, há sempre um atraso em relação às ferramentas inovadoras usadas pelos militantes para difundir suas ideias.

Se puede considerar así que la caída de los regímenes tunecino y egipcio corresponde a una especie de «ventana de oportunidad» a través de la cual la protesta, mediante la novedad de sus formas de movilización, pudo llevarse a cabo. Sin embargo, y de manera mucho más decisiva, los recientes desarrollos son fundamentalmente consecuencia del crecimiento de una verdadera «cultura de la red», llamada a extenderse cada vez más en el seno de la juventud árabe. (Gonzalez-Quijano, 2011:117-118)

O crescimento do número de usuários da internet na região seria uma evidência desta nova cultura. A quantidade de pessoas conectadas cresceu vinte e três vezes em um período de dez anos: saltou de 2,5 milhões, em 2000, para os atuais 60 milhões. Gonzalez-Quijano destaca que boa parte destes usuários é formada por jovens, uma parcela numerosa da população – hoje, segundo o pesquisador, a média de idade na região é de 21 anos; na Europa essa média é de 37,7 anos.

Son los niños del baby boom árabe de los años 80 quienes, llegados a la edad adulta, engrosan hoy los batallones de la revuelta árabe [...]. En este sentido, no es errado afirmar que la red de redes, con sus modalidades de expresión especialmente flexibles y fuertemente «liberadas» del formalismo lingüístico de las generaciones anteriores, se convirtió sin duda en el lugar donde se elabora el «espíritu de la época», incluso en su dimensión contestataria... El dinamismo de la web árabe da abundante testimonio de ello, en tanto se ha vuelto, a través de sus redes, sus sitios y sus foros de discusión, el principal laboratorio de una

joven creación que inventa una modernidad híbrida y desacomplejada.
(Gonzalez-Quijano, 2011:120)

Se os números colocam em dúvida o poder das redes sociais na internet na realização dos protestos que vieram a ser chamados de Primavera Árabe, não se pode descartar a análise do papel das grandes redes de televisão na propagação do que era divulgado pelos usuários do Facebook, Twitter e You Tube. Augustín De Gracia, responsável pela Agência Efe no Oriente Médio, relata que as redes de televisão Al Jazeera e a concorrente Al Arabia mostravam imagens dos protestos e antecipavam parte da informação no Twitter, antes mesmo que estes dados chegassem aos próprios sites das emissoras. E a partir daí eram disseminadas para todos os usuários do microblog, provocando uma reação em cadeia:

Aún más, la interrelación fue tal que en plena plaza Tahrir, el epicentro de la rebelión egipcia, fueron instaladas dos pantallas gigantes de televisión para seguir los acontecimientos, ya fueran los discursos oficiales en la última etapa del régimen de Mubarak o las mismas reacciones que había en la plaza Tahrir. Es decir, los manifestantes de Tahrir eran a la vez protagonistas y espectadores (De Gracia, 2011:172).

A cobertura da Al Jazeera foi considerada uma ameaça pelo governo egípcio, que decidiu fechar todos os escritórios da emissora no país. A medida foi vista como desesperada, já que a emissora possui dezenas de milhões de telespectadores regulares em todo o mundo. Jornalistas passaram a ser perseguidos e detidos pela polícia – não apenas nas ruas, mas também nas sacadas com vista para a praça Tahir, centro das mobilizações (De Gracia, 2011:172).

Ainda assim, a rede de tevê conseguiu transmitir imagens ao vivo para todo o mundo direto do Cairo, além de manter contato com jornalistas locais.

Con un público que reúne por lo regular varias decenas de millones de televidentes, la más célebre de las cadenas árabes ofreció una contribución mucho más decisiva a las rebeliones populares árabes que la de las redes sociales en internet. Estas, en el mejor de los casos, solo reúnen a algunos centenares de millares de usuarios, en general reclutados en categorías sociales más bien favorecidas y en teoría menos sensibles que el resto de la población a los llamados al cambio político.
(Gonzalez-Quijano, 2011:119)

Mas qual seria o motivo, então, para se dar tanto destaque aos sites de relacionamento na internet na realização dos protestos?

Quase todos os autores consultados parecem concordar que, de fato, estas ferramentas contribuíram para a organização e convocação das manifestações. Mas o destaque, às vezes exagerado, se deve mais a uma questão da cultura Ocidental, em especial à cultura norte-americana.

O presidente da Eurasia Group, uma das principais empresas internacionais de consultoria em risco político, Ian Bremmer, lembra que os americanos sempre acreditaram no poder das inovações tecnológicas como forma de promover a paz e gerar o desenvolvimento – seria uma das razões pelas quais esta visão otimista sobre a inter-relação das ferramentas de comunicação, a informação e a democracia é tão presente nos Estados Unidos.

Americans believe that the millions of people around the world who use the Internet, an American invention, will eventually adopt American political beliefs, much like many of those who wear American jeans, watch American movies, and dance to American music have (Bremmer, 2010:87)

Ouvido pela revista Ciência e Cultura, da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, o sociólogo Luiz Carlos Pinto concorda com a análise inicial de Ian Bremmer sobre o otimismo de certos analistas ao avaliar o papel de ferramentas como os telefones celulares e as redes sociais na internet nas revoltas árabes.

“Nossa tradição tenderá a atribuir a essas duas redes sociais uma importância capital na queda de Mubarak, em sintonia com uma das perspectivas através das quais o Ocidente interpreta a relação entre os homens e suas tecnologias. Nessa perspectiva, prometeica, as técnicas e as tecnologias são artífices de desenvolvimento, da iluminação, da liberdade, da autonomia”. (Evangelista, 2011:19)

Bremmer lembra, ainda, que muitos destes otimistas usam como exemplo pessoas que mantêm blogs na China, na Rússia e também nos países árabes – algumas vezes com textos escritos em língua inglesa – para defender o papel da internet na promoção da democracia, do pluralismo e dos Direitos Humanos. Mas o autor do artigo *Democracy in Cyberspace* enfatiza que centenas de milhares de pessoas que mantêm este tipo de página na internet no próprio idioma de origem –

segundo ele, são mais de 75 milhões só na China –, muitas vezes estão mais preocupadas com temas da cultura pop do que com filosofia ou poder político para promover mudanças, como a queda de regimes autoritários. *“In other words, the tools of modern communications satisfy as wide a range of ambitions and appetites as their twentieth-century ancestors did, and many of these ambitions and appetites do not have anything to do with democracy”* (Bremmer, 2010:87).

Além disso, em muitos países – como é o caso do Oriente Médio e também da China – há uma forte restrição e controle por parte do governo sobre o acesso da população a determinados endereços na internet. Na Síria, por exemplo, o regime de Bashar Al-Assad preocupa-se em limitar ao máximo as conexões, a ponto de ficarem tão lentas que torna-se impossível para os usuários visualizar ou mesmo publicar imagens. O governo chegou a bloquear por completo o acesso da população à rede, mas pouco tempo depois, acabou voltando atrás. Gonzalez-Quijano destaca que esta não foi uma medida voltada à ampliação das liberdades individuais, mas exatamente o contrário. Serviu para que um “exército eletrônico”, favorável ao regime, fosse mobilizado para defender a posição do governo.

Coincidiendo con las primeras manifestaciones, esta decisión no puede interpretarse como señal de un súbito interés del poder sirio por la satisfacción de los internautas sino, por el contrario, como la marca de una estrategia destinada a controlar mejor el conflicto ofreciendo un espacio de expresión en redes estrechamente vigiladas (Gonzalez-Quijano, 2011:116).

Bremmer complementa esta ideia:

Citizens are not the only ones active in cyberspace. The state is online, too, promoting its own ideas and limiting what an average user can see and do. Innovations in communications technology provide people with new sources of information and new opportunities to share ideas, but they also empower governments to manipulate the conversation and to monitor what people are saying. (Bremmer, 2010:89)

Para este especialista, regimes autoritários estão tentando se assegurar de que o crescimento no livre fluxo de pensamentos e informações no ambiente virtual abasteça a economia sem ameaçar o poder político de seus representantes. Bremmer relata que, em junho de 2010, a China divulgou um documento com os direitos e responsabilidades dos usuários de internet no país. O documento garantiria liberdade

de discurso na rede e o direito de participar, de ser ouvido e de fiscalizar as ações do governo, de acordo com as leis. Ao mesmo tempo, as novas regras determinam que, em território chinês, a internet está sob a jurisdição da soberania chinesa. Uma ressalva que, segundo Bremmer, legitima o “firewall” chinês, um sistema complexo de filtros que desviam ou bloqueiam o acesso a determinados sites, para manter os usuários somente nas páginas aprovadas pelo governo (Bremmer, 2010:89).

Mas as táticas de controle da rede não terminam aí. Assim como na Síria, um “exército de usuários” estaria sendo recompensado com pagamento em dinheiro para defender as posições do governo chinês na web.

The average Chinese Web surfer cannot be sure that every idea or opinion he encounters in cyberspace genuinely reflects the views of its author. The government has created the 50 Cent Party, an army of online commentators that it pays for each blog entry or message-board post promoting the Chinese Communist Party's line on sensitive subjects. This is a simple, inexpensive way for governments to disseminate and disguise official views. Authoritarian states do not use technology simply to block the free flow of unwellcome ideas. They also use it to promote ideas of their own (Bremmer, 2010:89).

O sociólogo Sérgio Amadeu, da Universidade Federal do ABC, resume a avaliação de analistas menos suscetíveis à concepção de que as redes sociais foram promotoras das mudanças no Oriente Médio.

“As redes de relacionamento online foram utilizadas indiscutivelmente para articular e repercutir os protestos, mas eles não foram as sementes da revolta. Estas origens estão no desgaste profundo do autoritarismo pró-americano no Egito representado pelo governo de Mubarak. [...] Todavia, as redes permitiram que a revolta ocorrida na Tunísia gerasse um rápido efeito no Egito, garantiram a articulação dos primeiros protestos e foram importantes para sensibilizar a opinião pública mundial”. (Evangelista, 2011:18-19)

Yves Gonzalez-Quijano, pesquisador do *Institut Français du Proche-Orient*, em Damasco, parece concordar com esta análise. E ressalta, mais uma vez, o papel do indivíduo na utilização das ferramentas de internet que permitiram rapidamente disseminar os motivos, objetivos e consequências dos protestos. Na análise deste pesquisador, as novas tecnologias não promovem, automaticamente, a democratização.

Por el contrario, es necesario ir más allá de las meras cifras y estadísticas para atender a la capacidad de los protagonistas para integrar los recursos de las nuevas técnicas, que incluso reformulan en función de sus propias necesidades (por ejemplo, haciendo de una red social estudiantil como Facebook una herramienta de movilización política, o transformando un servicio de micromensajería del tipo de Twitter en un arma de lucha urbana). [...] Por supuesto, las nuevas tecnologías de la información y de la comunicación «no hacen» –o, en todo caso, no hacen ellas solas– las revoluciones (Gonzalez-Quijano, 2011:120-121)

Bremmer demonstra concordar com o argumento acima e vai ainda mais além. O especialista defende que, se as novas tecnologias ajudaram a promover as mobilizações, foi porque já havia um sentimento de revolta e uma demanda por mudanças.

The Internet makes it easier for users with political interests to find and engage with others who believe what they believe, but there is little reliable evidence that it also opens their minds to ideas and information that challenge their worldviews. The medium fuels many passions—consumerism and conspiracy theories, resentment and fanaticism—but it promotes calls for democracy only where there is already a demand for democracy. If technology has helped citizens pressure authoritarian governments in several countries, it is not because the technology created a demand for change. That demand must come from public anger at authoritarianism itself. (Bremmer, 2010:88-89)

A revolta, no caso árabe, remonta à décadas anteriores. Alguns analistas apontam a origem dos problemas ao início dos anos 70, quando tem início o surgimento dos estados baseados na economia do petróleo. A injeção extraordinária de recursos deixou a população esperançosa. Porém, muitos países não souberam diversificar a economia, nem investir parte dos recursos no atendimento das necessidades básicas de seus habitantes. A sobrevivência dos regimes autoritários, neste contexto, se deveu, portanto, aos investimentos advindos da exploração do petróleo – que possibilitaram a manutenção do Estado, do exército e da polícia – e de um sistema sempre presente de forte repressão para controlar qualquer iniciativa que questionasse a legitimidade destas autoridades (De Gracia, 2011:169).

Por isso é que analistas mais atentos ao que esteve por trás dos levantes avaliam que os protestos, quando efetivos, são o resultado de um longo processo. O

sociólogo Carlos Pinto faz questão de ressaltar quem foram os verdadeiros atores da revolução no Mundo Árabe.

“A revolução no Egito foi apropriada pela ideia de que ela é a revolução das redes sociais, e não de seu povo! Essa perspectiva despolitiza o debate; põe em suspensão a historicidade da revolta popular no Egito; esconde os artífices que conquistaram sua legitimidade como tal na vivência cotidiana, ou seja, o povo”. (Evangelista, 2011:19)

É por este fundo histórico de descontentamento, indignação, pelo cansaço da população com os desmandos do ditador e com as condições insatisfatórias de vida, que a revolta não arrefeceu com o bloqueio ao acesso da população à internet, no Egito. Amal Sharif, integrante de um dos principais movimentos responsáveis pela deflagração dos protestos, disse a uma jornalista que, quando decidiu desligar a rede e decretar toque de recolher até mesmo aos empresários, Hosni Mubarak, estava, na verdade, incentivando a revolta. “*Al principio éramos menos, pero ahora sin Internet y con el toque de queda tan pronto, la gente no trabaja y puede salir a la calle a protestar. Si hubiera Internet, la gente se quedaría en casa mirando Facebook y Twitter*” (De Gracia, 2011:171).

Quando já não havia mais redes de telefonia móvel, nem internet e suas redes sociais em funcionamento, os egípcios passaram a buscar informações pelos meios tradicionais, recorrendo a maneiras simples de alertar a população para o que estava ocorrendo e atrair novos manifestantes. “*Las convocatorias se difundían por las mezquitas, se voceaban por los distintos barrios de El Cairo y a la gente que asomaba por la ventana o la terraza se las invitaba a participar en la marcha*” (De Gracia, 2011:171).

Contudo, existe, ainda, um outro argumento que reforça a importância de ferramentas como o Facebook e o Twitter na realização das manifestações. Para sustentá-lo, Clay Shirky recorre ao estudo desenvolvido por Elihu Katz e Paul Lazarsfeld após as eleições presidenciais de 1948 nos Estados Unidos. Estes sociólogos descobriram que a comunicação de massa, sozinha, não é capaz de mudar o pensamento das pessoas. Existe um segundo passo, depois da transmissão de opiniões por meio dos veículos de comunicação: estas opiniões precisam ser repercutidas entre amigos, familiares, colegas de trabalho. E é neste segundo estágio que se formam as opiniões políticas. A liberdade política, então, depende de uma

sociedade informada e conectada o suficiente para discutir sobre os fatos atuais. Para Shirky, a internet e, mais especificamente, as redes sociais, podem contribuir neste segundo estágio. “[...] *the Internet spreads not just media consumption but media production as well -- it allows people to privately and publicly articulate and debate a welter of conflicting views*” (Shirky, 2011:4-5/9).

Javier De Rivera concorda, ao dizer que não há dúvida de que os novos meios de comunicação permitem uma multilateral e ampla difusão da informação. E ressalta que é graças a estas tecnologias que existem milhares de câmeras para registrar a realidade, com um espaço digital infinito para mostrar estas imagens e para falar a respeito delas. O pesquisador, porém, afirma que a interação dos usuários nas redes sociais virtuais não implica no funcionamento mais democrático nem em uma consciência social mais ampla da sociedade. E critica a insistência da mídia em reforçar o protagonismo das redes sociais, especialmente do Facebook, no surgimento de movimentos sociais engajados na transformação política de suas realidades.

“La insistencia mediática en el protagonismo de las redes sociales (en concreto Facebook) se asemeja más a una operación de publicidad corporativa que a un retrato fiable de la realidad social de aquellos países. De hecho, semejante enfoque mediático produce un ocultamiento de los verdaderos desencadenantes y los verdaderos actores de las revueltas en los países árabes”. (Rivera, 2011:123)

Esta parece ser a avaliação mais equilibrada a respeito da relação do uso da internet e das redes sociais, seja por meio do computador ou do telefone celular, na Primavera Árabe: a de que estas ferramentas serviram mais como um suporte para organizar os protestos, divulgar seus objetivos, arregimentar participantes e divulgar os acontecimentos para sensibilizar a opinião pública mundial.

Por supuesto, hacer de las redes sociales el alfa y omega de las luchas políticas, hablando por ejemplo de «revolución Facebook», equivale a confundir los medios y los fines y, sobre todo, a atribuirle a lo que no es más que un soporte de comunicación poderes que no posee, aun considerando que la expresión no tiene sino un valor metafórico y que busca más bien indicar la existencia de un clima general, incluso de cierta movilización popular, posible gracias a los nuevos medios de comunicación (Gonzalez-Quijano, 2011:118-119).

As palavras de Mark Zuckerberg (em maio de 2011), o criador do Facebook, só reforçam a tese de que não houve uma “Revolução Facebook”:

– O Facebook não foi necessário, nem suficiente, para que quaisquer destes eventos tenham ocorrido.

Vídeo disponível em <www.reuters.com/video/2011/05/26/zuckerberg-facebook-kids-arab-spring?videoId=211135819>.

Conclusão

Como vimos, ferramentas tecnológicas como as redes de relacionamento na internet tiveram, sim, papel de destaque ao longo dos conflitos que resultaram na Primavera Árabe. Porém, não foram o Facebook, o Twitter, o You Tube, nem as mensagens de texto repassadas entre telefones celulares que provocaram os protestos.

A origem da revolta emergiu de um descontentamento histórico das populações árabes com a falta de emprego, os baixos níveis de desenvolvimento e, principalmente com a corrupção no governo, as injustiças e a repressão.

Se as redes sociais deram voz a quem antes não era ouvido, fazendo as imagens dos protestos e os depoimentos dos manifestantes chegarem às grandes redes de comunicação e, por consequência, ao mundo, foi, na verdade, a persistência dos manifestantes que, mesmo com a ausência de internet ou de linhas telefônicas, permitiu que milhares de pessoas fossem às ruas clamar por seus direitos.

“Revolução Facebook”, por assim dizer, tornou-se um termo mais metafórico do que literal, para descrever os meios utilizados pelos ativistas para fazer chegar ao maior número de pessoas os objetivos e as causas de sua revolta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEAUMONT, Peter. Atirem nos jornalistas, a lição síria da Primavera Árabe. *Folha.com* – *Ilustríssima*. 28/02/2012. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/1054751-atirem-nos-jornalistas-a-licao-siria-da-primavera-arabe.shtml>>. Acesso em 23/03/2012.

BREMMER, Ian. Democracy in Cyberspace: What Information Technology Can and Cannot Do. *Foreign Affairs*. November / December 2011, Volume 89, n. 6, 86-92.

CASTELLS, Manuel. O poder da identidade - A era da informação: economia, sociedade e cultura. 1996, Volume 2. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2001, 530 p.

DE GRACIA, Agustín. Las rebeliones árabes sientan bases históricas por el uso de la tecnología. *CIC Cuadernos de Información y Comunicación*, vol. 16, oct. 2011. Disponível em <<http://revistas.ucm.es/index.php/CIYC/article/view/36994/35803>>. Acesso em 26/01/2012.

EVANGELISTA, Rafael. Ferramentas da internet se mostram importantes na organização de manifestações políticas. *Cienc. Cult.* [online]. 2011, v. 63, n. 2, 18-20. Disponível em < <http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v63n2/a07v63n2.pdf> >. Acesso em 26/01/2012.

GERGES, Fawaz A. Los árabes siguen a Egipto. *Vanguardia Dossier*. Número 39. Barcelona. Abril / Junio 2011, 7-13.

GONZALEZ-QUIJANO, Yves. Las revueltas árabes en tiempos de transición digital: Mitos y realidades. *Nueva Sociedad* [online]. 2011, n. 235, 110-121. Disponível em < http://www.nuso.org/upload/articulos/3800_1.pdf >. Acesso em 26/01/2012.

KHALIDI, Rashid. Las revoluciones tunecina y egípcia. *Vanguardia Dossier*. Número 39. Barcelona. Abril / Junio 2011, 17-21.

LÓPEZ, Miguel Túñez & GARCÍA, José Sixto. Las redes sociales en las estrategias de comunicación: del Prestige a Fukushima. *Comunicación y riesgo - III Congreso Internacional Asociación Española de Investigación de la Comunicación*. Disponível

em <http://www.aeic2012tarragona.org/comunicacions_cd/ok/147.pdf> Acesso em 26/01/2012.

RIVERA, Javier de. ¿Revolución Facebook? *Teknokultura – Revista de Cultura Digital y Movimientos Sociales*. Volumen 8, Número 1 – Junio/2011. Madrid: Universidad Complutense Madrid.

Disponível em <<http://www.teknokultura.net/index.php/tk/article/view/25> >. Acesso em 26/01/2012.

ROCHA, Antonio Jorge Ramalho da. *Relações Internacionais: teorias e agendas / Antonio Jorge Ramalho da Rocha*. Brasília: IBRI, 2002. Disponível em <<http://books.google.com.br/books?id=07IKLj3Y1Z0C&printsec=frontcover&dq=rela%C3%A7%C3%B5es+internacionais+teorias+e+agendas&hl=pt-BR&sa=X&ei=Pu1sT9PKBJSXtwea8sSsBg&ved=0CEUQ6AEwAA#v=onepage&q=rela%C3%A7%C3%B5es%20internacionais%20teorias%20e%20agendas&f=false>>. Acesso em 28/01/2012.

RODRÍGUEZ, Álex. La primavera del pueblo árabe (editorial). *Vanguardia Dossier*. Número 39. Barcelona. Abril / Junio 2011, 3.

SHIRKY, Clay. The Political Power of Social Media: Technology, the Public Sphere, and Political Change. *Foreign Affairs*: January/February 2011. Disponível em <http://www.gpia.info/files/u1392/Shirky_Political_Poewr_of_Social_Media.pdf>. Acesso em 15/03/2012.

UNITED NATIONS. *Daily Press Briefing by the Office of the Spokesperson for the Secretary-General*. New York, 15 March 2012. Disponível em <<http://www.un.org/News/briefings/docs/2012/db120315.doc.htm>>. Acesso em 24/03/2012.